

SESQUICENTENÁRIO DO VISCONDE DE TAUNAY*

Corsíndio Monteiro da Silva

Nosso ilustre Presidente, ao designar-me para dizer algumas palavras sobre o Visconde de Taunay, cujo sesquicentenário de nascimento está a ocorrer, houve por bem conceder-me, generosamente, uns poucos minutos para que eu disqueteasse sobre a vida e obra daquela figura marcante da Cultura Brasileira.

Com isso, pretende a Academia de Letras de Brasília registrar o sesquicentenário de nascimento do autor de *Inocência* e de *A Retirada da Laguna*, duas obras que altearam o nome de Alfredo d'Escragolle Taunay, mais conhecido pelo título nobiliárquico de Visconde de Taunay.

Esta nesga de tempo, evidentemente, não nos seria bastante para discorrer sobre figura tão rica e expressiva se não fosse para um auditório tão seleta quanto este, de integrantes de uma Academia de Letras, isto sem considerarmos que a média de idade dos membros desta assembléia ilustre gira em torno dos 60 anos, o que nos possibilita admitir, para logo, tratar-se de gerações que tomaram conhecimento, ainda nos bancos escolares, de certos vultos de nossa Pátria, de que é exemplo o Visconde de Taunay.

E o Visconde, bem o sabemos, e ninguém aqui ignora, tem lugar de destaque tanto em nossa literatura quanto em nossa história.

Quanto menos não seja, por aquilo que podemos extrair do seu epitáfio redigido por ele próprio:

*"Aqui jaz o autor de duas obras
Que alcançaram renome valioso
De **Inocência**, a história sertaneja,
E de **Laguna**, o feito glorioso."*

* Homenagem prestada pela Academia de Letras de Brasília (19.XI.1993) - Palavras proferidas pelo Acadêmico Corsíndio Monteiro da Silva que é também membro da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Como se vê, o próprio Taunay, em sua avaliação final, considerava que a sua memória poderia perdurar pelo menos por essas duas obras: o romance *Inocência*, o nosso bucólico **Romeu e Julieta**, e **A Retirada da Laguna**, em que registra “um episódio da Guerra do Paraguai” e do qual foi um dos sofridos protagonistas.

Lembremos, a propósito, estas palavras que o mesmo Taunay disse ao Imperador Dom Pedro II, na festa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, oferecida aos oficiais do encouraçado chileno **Cóchrane**, aportado no Rio de Janeiro em fins de outubro de 1889, ao lhe mostrar essas suas duas principais obras devidamente encadernadas - **A Retirada da Laguna e Inocência**, que ia oferecer ao Comandante Constantino Bannen:

“Eis as duas asas que me levarão à imortalidade.”

E Dom Pedro II aprovou a feliz idéia do presente e a motivação do seu orgulhoso autor porque, também ele, exigente como era, muito apreciara aqueles dois livros do seu pupilo a quem, há pouco mais de mês, agraciara com o honroso título de Visconde com grandeza.

São, pelo menos, estas duas obras que, com efeito, lograram ficar na memória de nossa gente, como dois marcos na Cultura Brasileira - o romance **Inocência e Retirada da Laguna**, obras essas festejadíssimas, não só no Brasil como, praticamente, no mundo inteiro. Não há negar, foram duas obras-primas, cada qual no seu gênero, e que muito nos dignificam.

Inocência, um romance de costumes da vida sertaneja, produto da observação, da experiência, da imaginação do jovem autor em seu retorno à Corte após os sucessos da Força Expedicionária Brasileira em território matogrossense. O segundo livro é uma crônica militar escrita pela pena brilhante de um jovem artista que rememora o calvário dos expedicionários brasileiros que, do Rio, de São Paulo e de Minas adentraram o território nacional para rechaçar as forças de Solano Lopes que, ousadamente, invadiram o sul de Mato Grosso, provocando pânico nas populações fronteiriças, em flagrante desacato à nossa soberania.

Essa obra valeu a Taunay a alcunha de Xenofonte brasileiro. Havendo sido escrita originariamente em francês, língua em geral falada no cotidiano de sua família, foi adotada como obra de leitura obrigatória aos alunos da Academia Militar da França.

De notar que Alfredo d'Escragnolle Taunay escreveu ambos estes livros antes mesmo de completar 30 anos de idade, ou, mais precisamente, escreveu **A Retirada da Laguna** quando tinha 25 anos (o prólogo é de outubro de 1868) e o romance **Inocência** teve sua primeira edição em 1872, ao completar 29 anos.

E foram publicados sob o pseudônimo - Sílvio Dinarte. Na França, chegaram a supor fosse **La Retraite de Laguna** obra de algum escritor francês oculto por pseudônimo, tais a beleza e a fluência do estilo, muito próprias de quem domina aquele idioma.

Foi o romance vertido para o francês, para o inglês (tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos), para o alemão, para o italiano, para o espanhol, o sueco, o dinamarquês, o polonês, o flamengo, o árabe, o japonês..., o que deu a Taunay renome internacional.

Seu texto foi adaptado ao teatro italiano por Sílvio Bocanera e a uma peça em espanhol por José Clemente Soto, de Buenos Aires.

Cumprir observar que ninguém menos que o consagrado Mestre Miguel de Unamuno aconselhara a tradução, para a língua de Cervantes, do romance **Inocência**, impressionado que ficara com a leitura dessa obra, que reconheceu de inequívoco valor literário.

No Brasil, o romance foi teatralizado pelos dramaturgos Carlos Góes, Roberto Gomes, Rodrigues Barbosa e Jorge R. da Cunha, de 1915 a 1921. Inspirou uma ópera, que recebeu o mesmo nome **Inocência**, ao maestro Leo Kessler, sobre um libreto do conhecido poeta Emiliano Pernetá, ópera essa que foi muito aplaudida na época.

Um ator italiano Capellani extraiu do romance de Taunay, em 1915, uma fita cinematográfica que foi exibida nas principais casas de espetáculo do Brasil. Depois desse filme, outros aconteceram, como um recentíssimo sob a responsabilidade do Diretor cinematográfico, Walter Lima Jr., protagonizado por Fernanda Torres e Edson Celulari, nos papéis de **Inocência** e de **Cirino**.

No registro que fez o Visconde de suas memórias para serem divulgadas em forma de livro quando de seu centenário em 1943, escreveu ele com franqueza, posto que com minguada modéstia, que esse seu romance era "*a base da verdadeira literatura brasileira*", fazendo a seguinte observação:

“O estilo suficientemente cuidado e de boa feição vernácula preenche bem o fim, revestindo do prestígio da frase descrições perfeitamente verdadeiras em que procurei reproduzir, com exatidão, impressões recolhidas em pleno sertão.”

Confessou Taunay ser **Inocência** “*um livro honesto e sincero*” e que esperava não haverem “as gerações futuras” de tê-lo em pouca conta. Aduziu que seu pai, Félix Emílio, que Dom Pedro II e o Ministro francês, Auguste Gérard, “*muito entendidos em coisas literárias, espíritos imbuídos das grandes tradições clássicas do belo e do bem da verdade, sobremaneira o exaltaram, rememorando, a cada instante, os principais episódios*”, relatados no romance.

Ainda assim, já na segunda edição que saiu nove anos depois da primeira, sob a responsabilidade dos editores G. Leusinger & Filhos, do Rio de Janeiro, valeu-se Taunay dos conhecimentos de língua portuguesa de que era possuidor o Dr. Heráclito de Alencar Pereira da Graça, mais conhecido por Heráclito Graça, celebrado autor da obra *Fatos da Linguagem*, colectânea de artigos sobre assuntos filológicos, resultantes da polêmica que entretteve com o escritor, dicionarista e gramático português Cândido de Figueiredo.

Heráclito Graça foi Deputado pela Província do Ceará, havendo sido Presidente da Paraíba e do Ceará, fixando residência no Rio de Janeiro, em 1877, quando fez amizade com Taunay, que era do mesmo partido político.

O renome de Heráclito Graça como vernaculista se fez ao enfrentar destemidamente o gurú da época, que se propunha a ensinar os brasileiros “*o que se não devia dizer*”, para, à viva força, incutir a estes bárbaros a língua portuguesa tal como falada por Frei Amador Arrais, Jorge Ferreira de Vasconcelos, João de Barros, Diogo Bernardes ou Fernão Mendes Pinto: era o temido Cândido de Figueiredo, que mantinha uma coluna de consultas gramaticais no *Jornal do Comércio do Rio*. Ali, o mestre luso pontificava e azorragueava nossa indigência que trazia a língua, que herdáramos de Portugal, “*mais andrajosa que capa de pedinte*”...

Taunay para precatar-se de críticas que tais, mesmo porque já estava na alça de mira do temido Silvío Romero, valeu-se de Heráclito Graça,

que se afinava mais com o seu pensar sobre o uso adequado da língua portuguesa pelos brasileiros, sem que fosse preciso macaquear a sintaxe lusa, como dizia o poeta. Tanto que consultado, igualmente, um outro estudioso da língua, o gramático Cândido Lago, sobre o texto do romance em vias de ser editado, reagia, com veemência, o jovem Taunay, porque as correções propostas não desfigurassem o desenho fraseológico adotado em seu livro, que ele queria espelhasse o modo brasileiro de dizer e de expor, e fosse "*verdadeira base da literatura brasileira*", e que, por isso, não comportava arremedos de autores clássicos portugueses, por mais respeitáveis que fossem.

Deste modo, a nosso ver, essa, a de 1889, é a edição que contém o texto definitivo do romance **Inocência**, sendo que a 5ª só saiu quatro anos depois do falecimento de Taunay, e por uma outra editora de São Paulo, já sob a supervisão de seu filho, o Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay.

É oportuno registrar que **A Retirada da Laguna** foi escrita quase de improviso, a instâncias aborrecidas de seu pai, Félix Emílio. Em 1874, foi feita a tradução para o português por Salvador de Mendonça, diplomata, jornalista, escritor, e um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Ora se deu que Taunay não escondia seu pouco apreço por essa tradução, até que, em 1901, nova tradução foi feita pelo Barão de Ramiz Galvão. Posteriormente, o Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay empreendeu, com todo o critério e com pleno conhecimento do estilo de seu pai, senão mesmo como preito de saudade, a tradução definitiva que a Companhia Melhoramentos de São Paulo passou a publicar em edições primorosas e enriquecidas de farta documentação.

O primeiro trabalho que Taunay publicou depois de **A Retirada da Laguna** e de **Inocência** foi **Cenas de Viagem**. Este pequeno livro foi, de pronto, muito elogiado pelo Dr. Herbert Smith, eminente naturalista americano, residente por algum tempo no Brasil, que o qualificou como sendo "*um dos melhores estudos sobre a natureza selvática dos nossos sertões, quer do ponto de vista descritivo, quer do ponto de vista científico*".

Numa outra obra sua, sob o título **Céus e Terras do Brasil**, obteve grande sucesso, havendo sido vertida para o alemão, pelo Dr. Carlos Müller, e, para o espanhol, pelo escritor Vicente Quesada.

Ocorre que o Visconde de Taunay escreveu muitos outros livros. Recordemos alguns dos mais conhecidos: **O Encilhamento; Ouro sobre Azul; Manuscrito de uma mulher; Amélia Smith; A Cidade do Ouro e das Ruínas; A Guerra do Pacífico; Ao Entardecer; Cartas da Campanha; Dias de Guerra e de Sertões; Dois Artistas Máximos - José Maurício e Carlos Gomes; Em Mato Grosso Invadido; Entre os nossos Índios; Goiás; Homens e Coisas do Império; José Maurício Nunes Garcia; Marcha das Forças; No Declínio; o Visconde do Rio Branco; Paisagens Brasileiras; Recordações de Guerra e de Viagem; Servidores Ilustres do Brasil; Viagens de Outrora; Visões do Sertão; Augusto Leverger; Reminiscências** e ainda um volume sob o título **Filologia e Crítica**, isto sem falarmos em suas **Memórias**, um livro excelente, de cativante leitura.

Taunay foi, igualmente, um estudioso de Botânica, havendo sido Professor de Mineralogia e Geologia na Escola Militar. Foi, também, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras.

Pelas mãos de José Maria Paranhos, o Visconde do Rio Branco, que foi seu professor e que, quando Primeiro Ministro do Império, se empenhou em que fosse publicado, às expensas do Governo, o livro **A Retirada da Laguna**, com tradução de Salvador de Mendonça, foi o ainda jovem Alfredo d'Escragnolle Taunay recomendado à atenção dos seus correligionários de Goiás. Daí nasceu a vida de Taunay para a política partidária com a sua eleição para a Câmara dos Deputados em 1872, havendo sido reeleito em 1875. Destarte, o Visconde do Rio Branco podemos afirmar haver sido o profeta dos destinos de Alfredo d'Escragnolle Taunay.

O Visconde do Rio Branco - pai, como sabeis, do Barão do Rio Branco - foi em certo sentido, o grande artífice da carreira política de Alfredo d'Escragnolle Taunay, seu antigo aluno: fê-lo seu Oficial de Gabinete quando Primeiro Ministro; empenhou-se em que se livro **A Retirada da Laguna** fosse traduzido para o português por um dos homens mais ilustres da época, Salvador de Mendonça, e publicado às expensas do Governo Imperial; indicou seu nome à consideração de uns correligionários de Goiás e, com isso, logrou elegê-lo à Câmara dos Deputados, havendo sido reeleito na legislatura seguinte.

Acontece que o jovem Taunay, com o seu coeficiente pessoal, se destacou entre os parlamentares, pela sua simpatia, pela sua honradez, pela palavra fácil, fluente, pelo interesse por problemas sociais, além de sua natural rebeldia, perfilhando projetos não raros oriundos de partido político diverso do seu, o Conservador.

Com 31 anos, casou-se com Cristina Teixeira Leite, filha dos Barões de Vassouras, havendo sido, a seguir, em 1875, promovido a Major, e, em 1876, nomeado Presidente de Santa Catarina, cargo que desempenhou até 1877.

No Palácio do Desterro, em 1876, nasceu-lhe o filho Affonso, que havia de se tornar grande historiador e membro destacado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras, e, por muito tempo, Diretor do Museu Paulista, o consagrado Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay.

A queda do seu partido, o Conservador, em 1878, fê-lo afastar-se temporariamente da política, propiciando-lhe uma longa viagem à Europa, que ele aproveitou, colhendo idéias para, depois, pô-las em prática quando retornasse ao Brasil.

Em 1880, retornou às atividades políticas com sugestões de reformas e criação de instituições sociais já de há muito aceitas pelos países europeus, escrevendo diariamente para os jornais, suscitando soluções para os problemas que então afligiam o país, pugnando pela grande naturalização (que, basicamente, era idéia de seu pai, Félix Emílio), pelo casamento civil, pela necessidade de se atraírem para o Brasil grandes massas de imigrantes europeus (neste ponto, só fazendo restrições à imigração asiática tal como depois o fez o aristocrata Raul de Leoni...)

Quando dos debates pela abolição da escravatura, deles participou ativamente ao lado de Joaquim Nabuco.

Em 1881, elegeu-se Deputado por Santa Catarina.

Em 1885, com a volta ao Poder do Partido Conservador, foi nomeado Presidente da Província do Paraná, pondo em prática suas idéias, conseguindo fixar, na parte meridional daquela Província, milhares de colonos europeus.

Em janeiro de 1886, seus eleitores de Santa Catarina o reelegem.

ram Deputado Geral.

Com a morte do Barão de Laguna, único Senador por Santa Catarina, pleiteou a sua sucessão. Nas eleições de 14 de junho, foi o mais votado dos candidatos da lista tríplice apresentada à alta decisão da Coroa, por quem, a 28 de agosto, se viu escolhido Senador.

Tinha, então, 44 anos de idade: era o mais jovem Senador do Império, onde se destacou pelas idéias novas que, há algum tempo, vinha defendendo.

Nele, teve a Lei de 13 de maio apaixonado e ardoroso defensor, já havendo votado, antes, com os Liberais, em favor da libertação dos escravos sexagenários.

A 6 de setembro de 1889, alcançou aquilo que aprecia sua maior glória, o coroamento de toda a sua vida: foi pela Coroa agraciado com o honroso título de Visconde com grandeza.

Com a inesperada proclamação da República, Taunay fica profundamente deprimido e se retira por inteiro à vida privada, buscando aos poucos, preencher o vazio que se estabeleceu ao seu redor sem a presença querida de seus amigos, como Dom Pedro II, a quem idolatrava com justa razão.

Quando, a insistência de amigos, ia a alguma reunião de intelectuais, como acontecia com os que idealizavam fundar a Academia Brasileira de Letras, era ele visto a dedilhar, solitário, um piano, instrumento muito comum nas residências, clubes, restaurantes ou bares daquela época.

Ainda assim, começou a se ocupar com literatura, história, crítica de arte.

Cultivou a música desde seus verdes anos: com 4 anos de idade, já tocava piano acompanhado de sua irmã Adelaide.

Compôs peças sacras, para canto e órgão; Romances para canto e piano; valsas e mazurcas; estudos de concertos; noturnos; peças para piano e violino, e, inspiradas no estilo de Chopin, compôs valsas a que deu o título geral de Chopinianas, antecipando, assim, as célebres Bachianas Brasileiras de Heitor Vila-Lobos.

Vencido pelo diabete, doença contraída na Guerra do Paraguai, talvez pelo excesso de quinino que ingeria para enfrentar as doenças geradas pela região pestífera dos pantanais, faleceu Taunay a 23 de janeiro de 1899, na

cidade do Rio de Janeiro, quando ainda nem completara 56 anos de idade! Coube a Joaquim Nabuco dar-lhe o extremo adeus em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em que disse que o Brasil inteiro lamentava a perda que sofria, tão reduzido que estava em sua glória com o desaparecimento de Taunay.

A respeito dos desânimos de José de Alencar quanto às incertezas da posteridade, indagava Taunay em um dos seus escritos: *“Qual, porém, a inteligência, por mais alevantada, valente e confiante em si, que não agite, inquieta, essa dolorosa perplexidade, a indagar, consigo mesma, se poderá porventura escapar do desastre irremediável e do esquecimento eterno?”*

Com efeito, suas duas obras-primas foram as asas que o levaram à imortalidade, embora, como disse um dos seus biógrafos, o maior título é o de continuar a ser um dos padrões do nosso patriotismo e um dos grandes homens do nosso Brasil.

A nossa Academia de Letras de Brasília reconhece o seu valor, a sua imortalidade, Taunay, Visconde de Taunay, Alfredo d’Escragnoille Taunay, como escritor primoroso, como um dos fundadores do romance brasileiro, como o nosso Xenofonte, como o exemplo do verdadeiro político que sempre se interessou pelos problemas nacionais, e de inequívoco espírito público, como homem de apurada sensibilidade que até a linguagem universal da música nos soube transmitir, que bem merece aquilo que lhe disse o grande Joaquim Nabuco: *“O Brasil inteiro terá orgulho de ti, já o tem...”*

A posteridade, neste sesquicentenário de seu nascimento, se preza, através desta Academia de Letras de Brasília, desta Capital do nosso país ao qual tanto amou, tanto que por ele sacrificou a sua mocidade, a sua vida, enfim, se preza de exornar com folhas de louro a sua frente de verdadeiro herói que o Brasil inteiro reverencia e agradece.